

Pastorinhas
ou
Autos de Natal





ERA UMA VEZ A ESTRELA E O PRESÉPIO: A CIDADE NASCE

A cidade nasceu a 12 de janeiro de 1616. Uma expedição marítima viera de São Luís do Maranhão para conquistar as terras do Grande Rio e Império das Amazonas, onde as andanças comerciais de franceses, ingleses, irlandeses, holandeses, ameaçavam o domínio luso. Desembarcaram os homens de Portugal em sítio estratégico, e aí ergueram núcleo militar. Local seguro, bem defensável contra possíveis ataques daquelas gentes intrusas e dos índios: a ponta de terra, na foz do Guamá, que entra nas águas caudalosas do rio Pará. “Por parecerle alli bien al Capitan Mayor”, disse o cronista André Pereira em carta a Felipe II, reinante na península ibérica. E plantaram a semente da cidade.

O “Capitan Mayor” é o lusitano Francisco Caldeira de Castelo Branco, fundador da cidade de Santa Maria de Belém, que surgiria da modesta praça de guerra. Sempre generosos na distribuição de nomes evocativos, os portugueses designaram a terra de Feliz Lusitânia, a lembrar que a conquista era lusa, embora Portugal e Espanha estivessem unidos pelo mesmo cetro real. A igreja, erguida na fortaleza, ficou sob a invocação de Nossa Senhora da Graça.

A localidade, alta “de 4 a 5 braças acima do nível comum das terras”, adaptava-se bem aos dispositivos de defesa militar. Um cronista descreveu a situação: “alta, e tendo as duas faces para os dois rios, sendo por esse lado escarpada, ligada ao continente por uma estreita faixa de terra, fácil seria isolá-la e defendê-la”. O Forte era de paliçada, em quadrilátero, feito de taipa de pilão na parte do rio e guarnecido por cestões na parte de terra. Peças de artilharia apontavam para os inimigos eventuais. Hoje é o histórico Forte do Castelo.

Caldeira de Castelo Branco viera de São Luís atraído pelo brilho da *estrela da Belém* que iria nascer no **Forte do Presépio**, nome primitivo da praça-d’armas...

Nossa Senhora de Belém do Grão Pará – a Misericórdia da Santa é a grandeza do rio. *Parauassu*, “rio grande” na linguagem dos Tupinambás, abreviado para rio Pará – o desaguadouro dos rios Moju, Acará e Guamá, formando a baía de Guajará no ponto em que se ergue a cidade de Belém.

A estrela de Belém guiara Castelo Branco até chegar a bom porto. *Transeamus usque Bethlem*, segundo o Evangelho de São Lucas.

Essa estrela continua a iluminar o caminho de quantos procuram a cidade de inspiração bíblica. Vinde, pessoas de todos os quadrantes, conhecer, rever, amar Belém do Grão Pará, que **Manuel Bandeira** canta no poema:

Bembelelém

Viva Belém!

*Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial
beleza eterna da paisagem*

Bembelelém

Viva Belém!



Presente de Natal: auto de pastorinhas "24 de dezembro"

Ceição de Barros Barreto *

À Guisa de Prólogo:

As dramatizações populares conhecidas como autos, bailes pastoris, vilancicos, em Portugal e na Espanha, filiam-se originariamente aos dramas litúrgicos, denominados - mistérios - de épocas remotas na Europa.

Essa dramatizações emigraram também para o Brasil, nos tempos coloniais. Aqui se radicaram, principalmente no Norte e Nordeste brasileiro, onde tradicionalmente se conservaram, perdurando até o momento presente, embora sofrendo modificações com o decorrer dos tempos.

Segundo alguns historiadores, os jesuítas no século XVI adotaram os autos hieráticos para catequese e propaganda religiosa no Brasil, distinguindo-se como autores e atores nesses autos os Padres: Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Álvaro Lobo. Estes missionários costumavam misturar nessas dramatizações os idiomas português e indígena, de modo a torná-las compreensíveis, tanto pelos portugueses, como pelos nativos do país.

Tais dramatizações incluíam monólogos e diálogos intermediados de cantos, acompanhados de instrumentos e danças, participando das representações os missionários, colonos e indígenas catequizados. Os espetáculos realizavam-se no adro das igrejas, não lhes faltando a respectiva "mise-en-scène", indumentária e maquinismo cênico, embora muito rudimentares.

Eram os primórdios do teatro brasileiro.

Segundo Serafim Leite, um dos primeiros autos representados no Brasil foi uma *Écloga Pastoril*, exibida em Pernambuco em 1574. Neste Estado foi grande o interesse pelos espetáculos deste gênero, sendo organizadas sociedades especiais para representar pastoris.

Com a continuação dos tempos, o pastoril tornou-se de caráter acentuadamente profano e mesmo lascivo, enquanto o auto de pastorinhas, conhecido também como *presepe* ou *lapinha*, conservou na sua ingenuidade primitiva o sentimento religioso do povo.

Ainda hoje existe no Nordeste brasileiro a crença popular de que, os que se propõem a organizar a festa do presepe, deverão fazê-lo durante sete anos consecutivos, de modo que alcancem as graças divinas almeçadas.

A representação desses autos inicia-se na véspera de Natal, 24 de dezembro, sendo repetida nos dias feriados, santificados e sábados que se seguem até o dia 6 de janeiro, dia de Reis, ou festa da Epifânia.

Estes espetáculos realizam-se geralmente à noite, prolongando-se até a madrugada.

Muito já se tem escrito sobre as festas populares do

Natal, no Brasil. Relativamente pouco se tem grafado quanto à música dessas festas. Musicólogos brasileiros e folcloristas, em conferências, livros, publicações em jornais e revistas, quando se referem a essas dramatizações, ilustram freqüentemente suas exposições com pequenos trechos musicais. Embora muito interessante, esta documentação carece de mais completa seqüência nos exemplos musicais, de modo que se possa ter noção mais global da música utilizada nas representações populares do Natal no Brasil.

Consta que alguns dos autos pastoris representados no nosso país são baseados em compilações de trechos musicais, e também escritos pelos respectivos autores da música e da letra. Infelizmente nunca tivemos oportunidade de compulsar tais manuscritos.

Foi o ensejo que tivemos de conhecer pessoalmente as Senhoritas Divana e Maria Olívia que nos animou a reproduzir, coligindo e reconstituindo com o auxílio delas, o auto de pastorinhas - *24 de dezembro* - procurando concatenar devidamente as jornadas desse auto. Acrescentamos alguns esclarecimentos sobre a representação, cenários, indumentária, etc, com o intuito de tornar mais completa a reprodução. A música, por nós grafada, de acordo com o que ouvimos cantar, nem sempre prima pela originalidade, inspirando-se freqüentemente na música erudita. Isto, porém, é traço comum nas dramatizações deste gênero, em todos os tempos.

A harmonização das melodias, por nós realizadas sob a orientação do Maestro Renzo Massarani, é apenas uma singela ambientação dos motivos musicais, de modo a não prejudicar a ingenuidade dos mesmos.

O argumento refere-se ao nascimento de Jesus, à degolação das crianças, a mandado do rei Herodes, à anunciação do anjo aos pastores, ao aparecimento da estrela e às oferendas ao Menino-Deus, imitação das ofertas dos Reis Magos.

Encontramos vários pontos de contato entre esse auto e outras referências de canções natalinas inglesas e francesas, por exemplo: na cigana, a dizer a "buena-dicha"; no velho, personagem jocoso e grotesco, aproveitador das oportunidades, e nas ofertas ao Menino-Jesus, como no mistério de Natal, o *Coventry Pageant* (1468), no qual um pastor diz: *I have nothing to present with thy Child, but my pipe*, isto é, o inglês que oferece o seu cachimbo.

Também no *Granz Noels* por Y.L. Crestot, presbítero,

* Ceição de Barros Barreto coligiu e reconstituiu o auto de pastorinhas *24 de dezembro*, e publicou no Rio de Janeiro, em 1950.

(1520), encontramos esta passagem:

“Alouettes rôties,
Canards et cormorans,
Friands,
Guillot Barbaut porta,
La, La, La,
À Joseph et Marie.

Messire Jean, vicaire,
Fit porter, pour mieux braire,
Du vin de son logis.

Jesus les remercie
Et aussi fait sa Mère...”

Confirmando o que acima dissemos sobre a música dessas dramatizações, à qual se adaptavam textos populares, o musicólogo William Phillips, no seu livro **Carols** explica, que nem sempre as melodias eram originais, exemplificando com o tema gregoriano *Conditor Alme Siderum*, transformado num *noel* francês e num *carol* inglês.

Julien Tiersot também informa que muitos *noels* (natais) franceses têm origem em árias profanas e canções amorosas populares ou de autores conhecidos. Isto, porém, acontece frequentemente em todo folclore musical.

O texto literário dessas dramatizações tem, geralmente, pouco valor como literatura e poesia; é, porém, a linguagem do povo na sua ingênua simplicidade.

ARGUMENTO:

O argumento do auto - *24 de dezembro* - baseia-se na comemoração da Natividade de Jesus pelas pastorinhas, imitação da adoração dos pastores na Santa Noite.

Vários episódios são incluídos nesse acontecimento, episódios narrados nas *Jornadas* cenas cantadas e declamadas, com solos, coros, danças e dramatizações. Constituem vinte e duas jornadas, às quais se intercalam outras duas, apenas declamadas, formando ao todo vinte e quatro jornadas.

Os principais episódios são os seguintes:

- Anunciação da festividade pelas pastorinhas. (Coro nos bastidores)
- As pastorinhas entram em cena louvando o Menino-Jesus, e propõem-se a colher flores para Lhe ofertar.
- Surge a estrela saudando as pessoas presentes, retirando-se em seguida juntamente com as pastorinhas à procura de ofertas.
- As pastorinhas voltam à cena com os presentes
- Aparece a estrela louvando o menino-Deus
- Surge o anjo entoando o “Glória in excelsis Deo”, cântico repetido pelo coro.
- A mestre convida as pastoras a ofertarem seus presentes, o que fazem em versos declamados
- A cigana entra em cena para adorar Jesus, avisando S.José e a virgem Maria dos designios de Herodes. Prevê também a



As pastorinhas, no desenho de Percy Lau (1950)

sorte da mestra e da contra-mestra.

- Surge a borboleta, comentando que viu apenas flores e borboletas nas cidades e campinas. Todos os participantes retiram-se de cena
- A contra-mestra, preocupada com a sua sorte, volta à cena, lamentando-se
- Aparece a camponesa que vem prendê-la, a mandado da mestra. A contra-mestra invoca Jesus.
- O anjo vem libertá-la a mandado de Jesus e chama a mestra para agradecer e louvar o Messias.
- As pastorinhas entram em cena anunciando o raiar do dia e a retirada do anjo e da estrela
- A estrela despede-se das pessoas presentes
- A mestra agradece a hospitalidade da dona da casa, oferecendo-lhe um ramalhte, enquanto o coro comenta favoravelmente a oferta.
- O velho, personagem jocoso, aparece solicitando, da dona da casa, vinho e doce de aração.
- As pastorinhas despedem-se da lapinha e da Sagrada Família, retirando-se e sucessivamente chamando para acompanhá-las: a mestra, a contra-mestra, etc.
- No dia de Reis (6 de janeiro) processa-se a queima da lapinha, sendo retiradas as imagens e queimadas as palhas onde estava colocado o Menino-Jesus.

PERSONAGENS:

Pastorinhas - personificando o coro, que se divide em duas alas- cordões - em número de acordo com as dimensões do local onde atuarão.

Mestra - chefiando o cordão sob a égide da cor encarnada

Contra-mestra - à frente do cordão azul

Diana - mantendo a ligação entre os dois cordões

Camponesa

Cigana

Borboleta

Anjo

Estrela

Velho- o único elemento masculino do conjunto

Todos os personagens são moças e rapazes adolescentes ou mesmo crianças com suas vozes frescas e cristalinas, sendo que o personagem do velho requer desembaraço e voz mais viril.

INDUMENTÁRIA:

As pastorinhas, a mestra, contra-mestra e anjo trajam vestidos brancos, com faixas à cintura, com a cor do cordão a que pertencem.

A mestra e contra-mestra acrescentam aos seus trajes uma faixa do ombro direito ao lado esquerdo da cintura, nas respectivas cores: azul para contra-mestra e encarnado para a mestra.

A borboleta em cores variadas tem na cabeça enfeites

simulando antenas de borboleta.

O anjo não dispensa as asas, brancas como suas vestes.

A Diana usa um traje metade azul, metade encarnado, nas cores dos cordões.

A estrela veste-se de azul claro, com uma estrela dourada na cabeça.

A cigana, no traje típico, traz na cabeça um lenço de cores vivas com medalhinhas, pendentes, vários colares de fantasia, braceletes e brincos de argolas.

O velho tem barbas e bigodes brancos.

Os sapatos das pastorinhas, da mestra, contra-mestra, Diana, borboleta, estrela e anjo são geralmente brancos, podendo, porém, ser de outras cores, desde que haja uniformidade nas pastoras que constituem cada cordão e respectiva chefe, mestra ou contra-mestra.

Os demais personagens usarão sapatos de acordo com os seus trajes.

As pastorinhas enfeitam seus cabelos com rosas, cravos, manjerição e fitas nas cores dos cordões.

Trazem também na mão direita pandeiros enfeitados com fitas nas respectivas cores.

CENÁRIO:

Sala ampla ou pátio, no qual se arma o presepe, ou lapinha, constando da mangedoura emoldurada por arcos de madeira guarnecidos de folhagens de coqueiro, caneleira e pitangueira. Na mangedoura, sobre palhas, está a imagem do Menino-Jesus, geralmente de proporções maiores que as demais figuras, como para significar ser ele o principal motivo da festa. Junto acham-se as imagens de S. José, da Virgem Maria, e as figuras do boi e do jumento.

Outras figuras representando os três Reis Magos, os pastores, rebanhos de ovelhas, carneiros, um galo e outros animais são dispostas em volta da mangedoura. Acima desta, coloca-se uma estrela prateada recortada em folha-de-flandres ou papelão. Um pouco abaixo da estrela está a figura do anjo com suas vestes e asas brancas.

Eis armado o presepe.

Em frente ao mesmo ergue-se o tablado de madeira no qual se realizará o espetáculo. É o palco, também enfeitado de palmas de coqueiro, folhas de caneleira e bandeirolas de papel azul e encarnado.

Dos lados, mais ao fundo, estão as saídas para os bastidores, disfarçadas com resposteiros e plantas.

Na parte anterior do palco, coloca-se a orquestra, a qual varia de acordo com as possibilidades instrumentais locais. Na representação deste auto, os instrumentos eram: piano, violão, bandolim, sanfona, clarineta, trombou, reco-reco, pandeiro e bombo.

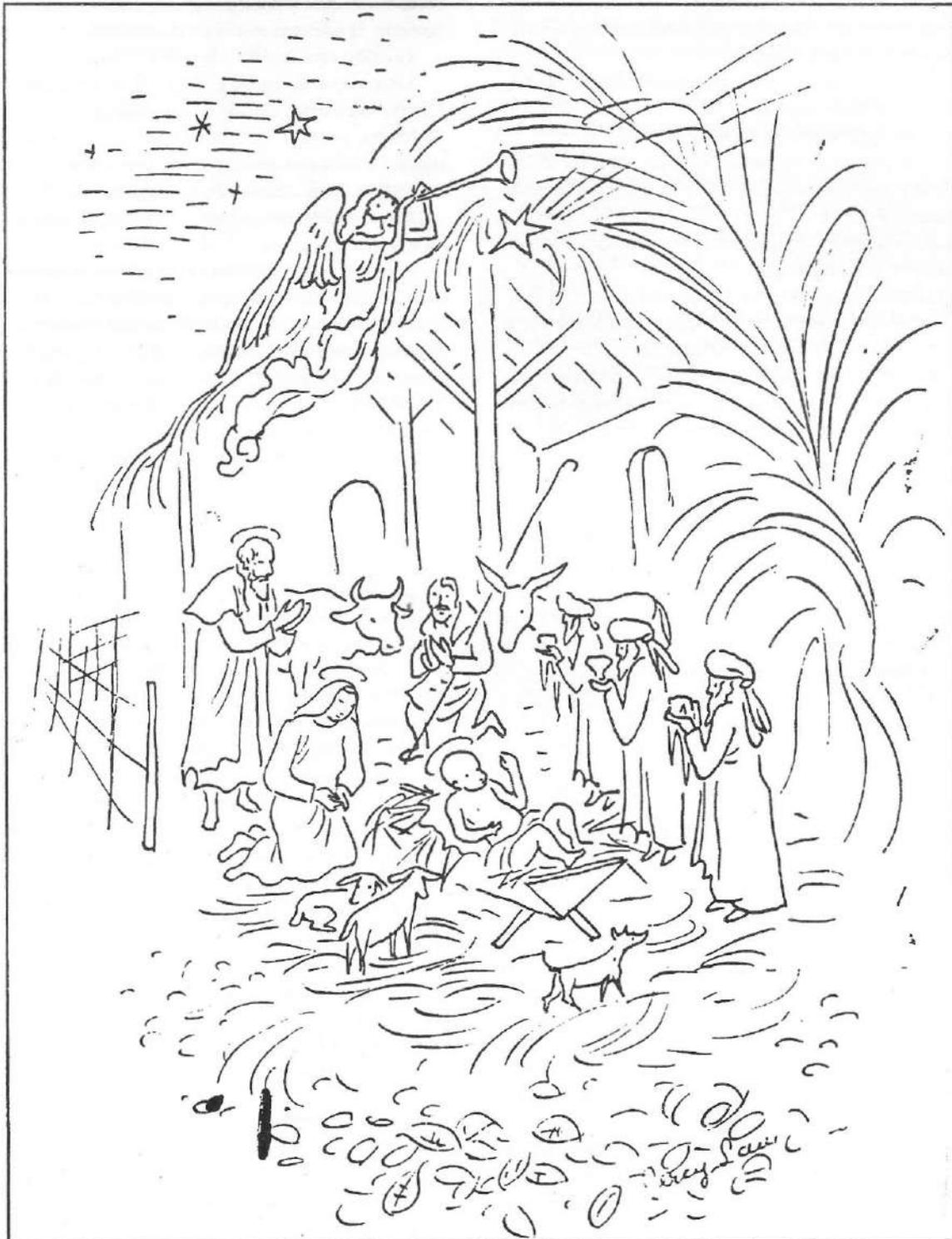
A sala ou pátio onde se realiza o espetáculo é também guarnecida com plantas e bandeirolas de papel colorido, presas estas em fios pendentes do teto, ou das árvores, intercaladas de lanternas de papel "crépon", ou lâmpadas elétricas.

Dispostas lateralmente no local e no espaço deixado pela orquestra em frente ao palco, estão as cadeiras para os convidados e organizadores da festa. Os demais espectadores arrajam-se como podem, de pé, por trás das cadeiras ao fundo da sala, ou no "sereno", isto é, na rua ou no jardim, espiando pelas janelas e portas, ou dentre as árvores.

DISPOSIÇÃO DOS PERSONAGENS:

O coro de pastorinhas, de frente para o público, move-se no palco em duas alas: cordão azul e cordão encarnado, chefiados pela contra-mestra, o azul, e o encarnado pela mestra.

A Diana mantém-se sempre entre as duas alas, de maneira



O "Presepe", no desenho de Percy Lau (1950)

que as cores do seu vestido correspondam às dos cordões. Os demais personagens movimentam-se de acordo com as exigências da dramatização.

MÚSICA:

O coro canta sempre em uníssono, acompanhado pelos instrumentos. Os solos também são acompanhados pelos mesmos. As jornadas declamadas não têm música acompanhante.

Quando as solistas cantam, os cordões, estando em cena, mantêm com evoluções o ritmo da música. De uma jornada para outra, costuma a orquestra preludiar, improvisando ligações melódicas.

O canto é sempre acompanhado de danças ou movimentos pelas próprias cantoras.

DANÇA:

A dança, de acordo com o ritmo da música, é constituída de marchas com recuos e avanços, voltas e evoluções, sempre acompanhada de movimentos cadenciados dos braços, sem exagero de meneios. No ritmo sincopado, os

passos se tornam mais miúdos e marcados.

Não há solistas na dança, todos se movem em conjunto, mesmo durante os solos de canto.

ESCLARECIMENTO:

O auto de pastorinhas – *24 de dezembro* – deveria estar incluído no livro *Presente de Natal*. Fomos forçada, porém, por circunstâncias diversas, a publicá-lo em separado, o que agora fazemos, endereçando os nossos agradecimentos às Senhoritas Divana Rodrigues Silva e Maria Olívia P. da Silva, as quais participaram das representações deste auto em Pernambuco e Paraíba, e que nos proporcionaram a oportunidade de reconstituí-lo, como contribuição modesta para o estudo do folclore *Natalino* no Brasil.

Registramos, outrossim, o nosso sincero reconhecimento ao professor Júlio Nogueira e Maestro Renzo Massarani, os quais nos orientaram na reconstituição deste auto, e Percy Lau que o ilustrou.

Rio de Janeiro, maio de 1950

Ceição de Barros Barreto



Os músicos, no desenho de Percy Lau